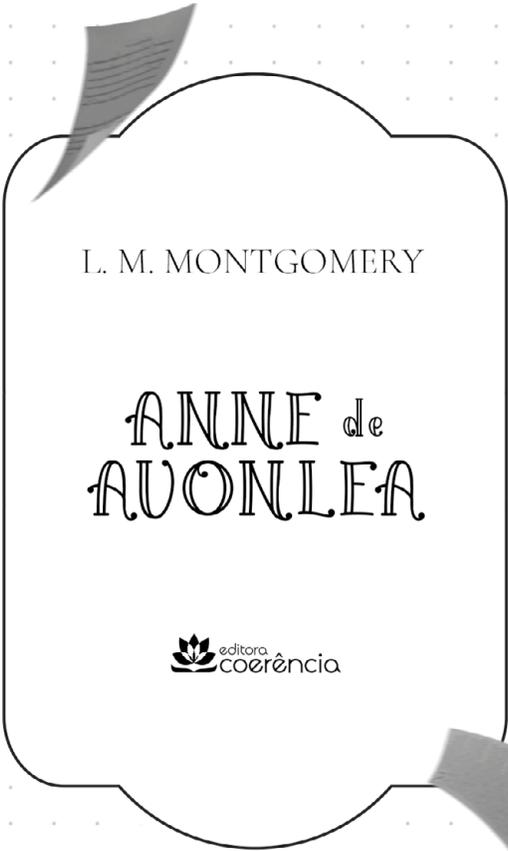


ANNE de
AUONLEA



L. M. MONTGOMERY

ANNE de
AVONLEA

 editora
coerência

TRADUÇÃO
Leandro Zapata

Copyright © L. M. Montgomery, 1909
Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2020

TÍTULO ORIGINAL
Anne of Avonlea

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL
Lilian Vaccaro

PREPARAÇÃO
Monique Dorazio

PRODUÇÃO GRÁFICA
Giovanna Vaccaro

TRADUÇÃO
Leandro Zapata

REVISÃO
Bianca Gulim

CAPA
Mirella Santana

DIAGRAMAÇÃO
Michael Vasconcelos

DADOS
INTERNACIONAIS
DE CATALOGAÇÃO
NA PUBLICAÇÃO
(CIP)

Montgomery, L. M.
Anne de Avonlea / L. M. Montgomery; tradução de Leandro Zapata. – 1ª edição –
São Paulo: Coerência, 2020

Título original: Anne of Avonlea
ISBN: 978-65-8706-808-4

1. Literatura infantojuvenil I. Título

CDD: 028.5

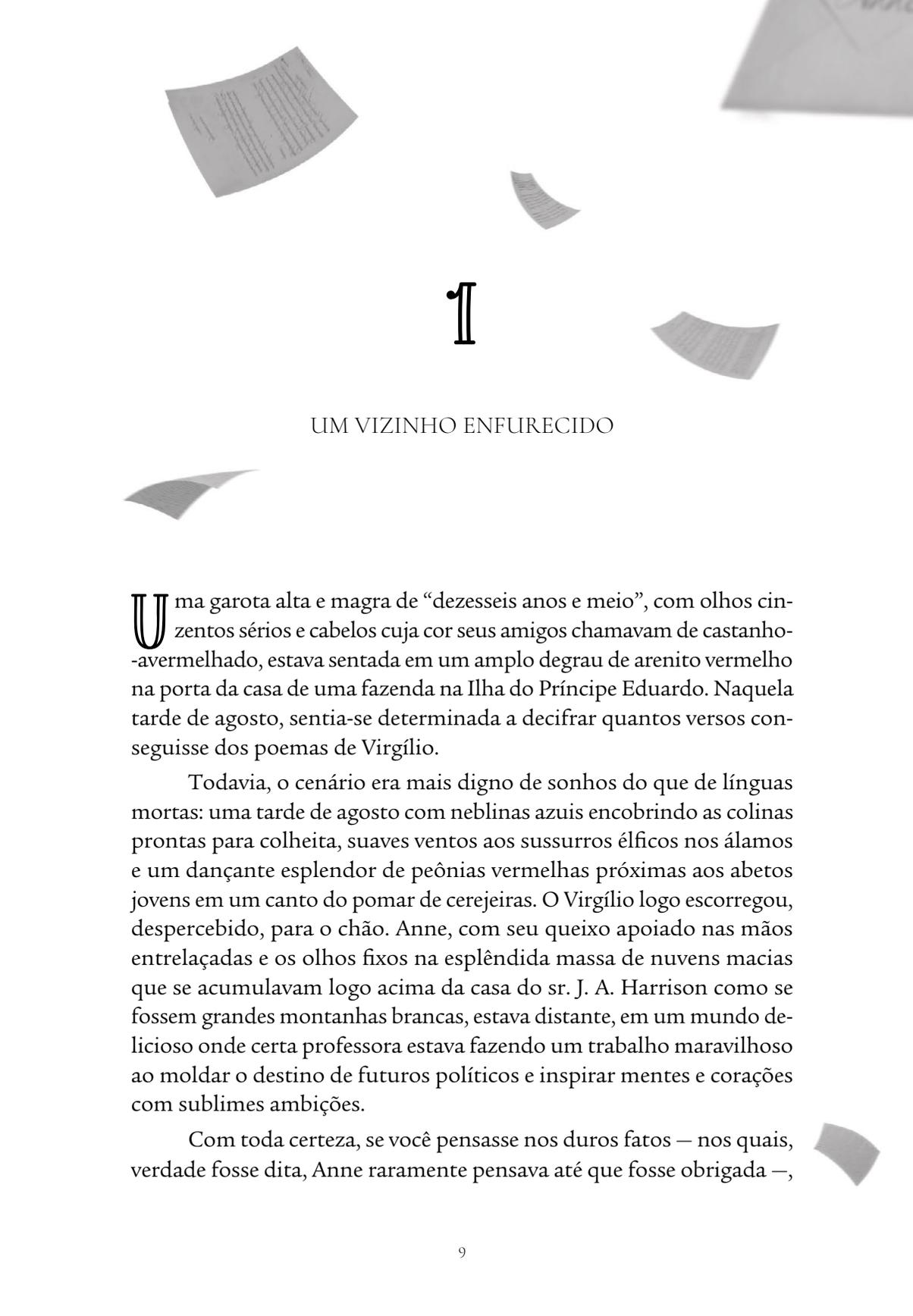


São Paulo
Avenida Paulista, 326,
cj 84 - Bela Vista
São Paulo | SP – 01.310-902
www.editoracoerencia.com.br

*Para minha ex-professora, Hattie Gordon Smith,
em uma lembrança agradecida por sua
compreensão e encorajamento.*

*As flores crescem por onde ela caminha
Os cuidadosos caminhos do dever,
Com ela, nossas linhas duras e rígidas da vida
São curvas fluidas de beleza.*

Whittier



I

UM VIZINHO ENFURECIDO

Uma garota alta e magra de “dezesseis anos e meio”, com olhos cinzentos sérios e cabelos cuja cor seus amigos chamavam de castanho-avermelhado, estava sentada em um amplo degrau de arenito vermelho na porta da casa de uma fazenda na Ilha do Príncipe Eduardo. Naquela tarde de agosto, sentia-se determinada a decifrar quantos versos conseguisse dos poemas de Virgílio.

Todavia, o cenário era mais digno de sonhos do que de línguas mortas: uma tarde de agosto com neblinas azuis encobrendo as colinas prontas para colheita, suaves ventos aos sussurros élficos nos álamos e um dançante esplendor de peônias vermelhas próximas aos abetos jovens em um canto do pomar de cerejeiras. O Virgílio logo escorregou, despercebido, para o chão. Anne, com seu queixo apoiado nas mãos entrelaçadas e os olhos fixos na esplêndida massa de nuvens macias que se acumulavam logo acima da casa do sr. J. A. Harrison como se fossem grandes montanhas brancas, estava distante, em um mundo delicioso onde certa professora estava fazendo um trabalho maravilhoso ao moldar o destino de futuros políticos e inspirar mentes e corações com sublimes ambições.

Com toda certeza, se você pensasse nos duros fatos — nos quais, verdade fosse dita, Anne raramente pensava até que fosse obrigada —,

não pareceria muito provável que houvesse matéria-prima promissora para formar celebridades na escola de Avonlea. Entretanto, nunca se sabe o que pode acontecer quando uma professora usa sua influência para o bem. Anne tinha alguns ideais sobre o que uma professora poderia conseguir quando acertava o método de ensino. E ela estava no meio de uma cena agradável, quarenta anos no futuro, com uma pessoa famosa — qual atividade o fizera famoso era deixado em uma conveniente nebulosidade, mas Anne pensava que seria melhor tê-lo como reitor de uma faculdade ou como primeiro-ministro canadense. Em sua imaginação, o senhor fazia uma reverência profunda sobre sua mão enrugada, garantindo-lhe que fora ela quem incitara nele a ambição, de modo que todo sucesso que alcançara na vida havia nascido das lições ensinadas por ela muito tempo antes, na escola de Avonlea. A visão agradável foi destruída por uma interrupção muito desagradável.

Uma pequena e acanhada vaca de raça Jersey vinha afundando os cascos pela estrada. Cinco segundos depois, o sr. Harrison chegou — se é que “chegou” não fosse uma palavra fraca demais para descrever a maneira como irrompeu na fazenda.

Sem esperar a abertura do portão, ele saltou a cerca e, enfurecido, confrontou uma Anne surpresa, que havia se levantado e permanecido ali, fitando-o com perplexidade. O sr. Harrison era o novo vizinho, e ela ainda não o conhecia, apesar de tê-lo visto uma ou duas vezes antes.

No começo de abril, antes que Anne voltasse da Queen’s Academy para casa, o sr. Robert Bell, cuja fazenda era colada à dos Cuthbert do lado oeste, vendera a propriedade e se mudara para Charlottetown. Sua fazenda fora comprada por um tal sr. J. A. Harrison — seu nome e o fato de que viera de Nova Brunswick eram as únicas informações que todos sabiam sobre ele. Mas, antes que completasse um mês vivendo em Avonlea, já havia ganhado a reputação de excêntrico. “Um louco”, dissera a sra. Rachel Lynde. A sra. Rachel era uma mulher sem papas na língua — quem já a conhece se lembrará.

O sr. Harrison certamente era diferente das outras pessoas — e essa é uma característica essencial das pessoas loucas, como todos sabem. Em primeiro lugar, ele cuidava da própria casa e estabelecera

publicamente que não queria nenhuma tolice de mulheres regendo os afazeres domésticos. As mulheres de Avonlea se vingaram espalhando histórias terríveis acerca de sua habilidade de cuidar da casa e cozinhar. Ele havia contratado o pequeno John Henry Carter, de White Sands, que se tornara a fonte das histórias. Para começar, não havia horário certo para as refeições na casa do sr. Harrison; ele beliscava algo quando estava com fome. E, se John estivesse por perto, entrava para comer; se não estivesse, tinha de esperar até que o sr. Harrison sentisse fome outra vez. John Henry dissera pesarosamente que morreria de fome se não voltasse para casa aos domingos e enchesse o “bucha”, e se sua mãe não lhe desse uma cesta de “rangs” para levar consigo nas manhãs de segunda-feira.

Quanto às louças sujas, o sr. Harrison não escondia que as lavava apenas se viesse um domingo chuvoso. Então, ele fazia o esforço de lavá-las de uma vez usando o tonel com água de chuva e as deixava escorrendo até secarem.

Além disso, o sr. Harrison gastava apenas com o que considerava necessário. Quando pediam para ele cooperar com o salário do reverendo, o sr. Allan, dizia que iria esperar e ver quanto dinheiro valiam suas pregações, pois não comprava um cavalo sem antes olhar os dentes. Quando a sra. Lynde pedira uma contribuição para os trabalhos da igreja — aproveitando para ver como era sua casa por dentro —, ele retrucara que havia mais pagãos em Avonlea do que em qualquer outro lugar por onde tivesse passado. Dissera também que contribuiria com alegria para uma missão de cristianização se *ela* fosse evangelizada. A sra. Rachel fora embora rapidamente e dissera que, por misericórdia, a pobre sra. Robert Bell estava sã e salva em sua cova, pois partiria seu coração ver o estado de sua casa, da qual ela costumava ter tanto orgulho.

— Ora, ela esfregava o chão da cozinha dia sim, dia não — a sra. Lynde, indignada, havia contado a Marilla Cuthbert. — Se você pudesse ver agora! Tive de segurar minhas saias para atravessar a cozinha.

Por fim, o sr. Harrison tinha um papagaio chamado Ginger. Ninguém em Avonlea jamais tivera um papagaio; conseqüentemente, isso mal era considerado respeitável. E que papagaio! Se a palavra de John

Henry Carter fosse considerada verdadeira, nunca existira um pássaro tão profano. Ele tinha uma boca terrivelmente suja. A sra. Carter teria tirado John Henry da fazenda se tivesse certeza de que poderia conseguir outro trabalho para ele. Além disso, Ginger havia arrancado um pedaço da nuca de John Henry certo dia, quando estava encurvado próximo à gaiola. A sra. Carter mostrava a marca a todos quando o azarado John Henry ia para casa aos domingos.

Todas essas coisas passaram pela cabeça de Anne enquanto o sr. Harrison estava parado diante dela sem palavras, mas com o rosto demonstrando cólera. Mesmo em seu humor mais amável, o sr. Harrison não poderia ser considerado um homem bonito. Era baixo, gordo e careca; e agora, com seu rosto roxo de raiva e seus proeminentes olhos azuis praticamente pulando das órbitas, Anne chegou à conclusão de que ele era o homem mais feio que já vira.

Em uma única explosão, o sr. Harrison encontrou sua voz.

— Não tolerarei isso! — vociferou. — Nem um dia a mais, ouviu, senhorita? Pela minha alma, esta é a terceira vez, senhorita. A terceira! Paciência já deixou de ser uma virtude. Avisei sua tia da última vez para que isso não acontecesse de novo. E ela deixou acontecer. Quero saber o que ela tem a dizer. É por isso que estou aqui.

— Pode me explicar qual é o problema? — perguntou Anne da maneira mais educada que pôde.

Ela vinha praticando consideravelmente sua cortesia para quando começasse a dar aulas, mas não viu qualquer alteração no enfurecido sr. J. A. Harrison.

— Problema, é? Meu Senhor! Problema o bastante, devo pensar. O problema, senhorita, é que eu encontrei a vaca Jersey da sua tia nas minhas aveias outra vez, nem trinta minutos atrás. É a terceira vez! Ela estava lá na última terça-feira e ontem. Vim aqui e disse à sua tia que não deixasse acontecer outra vez, mas não adiantou. Onde está sua tia, senhorita? Só quero vê-la por um minuto para falar poucas e boas. Poucas e boas direto da boca de J. A. Harrison, senhorita.

— Se está procurando pela srta. Marilla Cuthbert, ela não é minha tia, e foi para East Grafton para ver uma parente distante que está doente — disse Anne, aumentando sua cordialidade a cada palavra. — Mil desculpas por *minha* vaca ter invadido sua plantação de aveia. Sim, é minha vaca, e não da srta. Cuthbert. Matthew a deu para mim há três anos; ele a comprou do sr. Bell quando ainda era um bezerrinho.

— Desculpas? Desculpas não ajudarão neste assunto, senhorita. É melhor ir e olhar a devastação que esse animal fez às minhas aveias! Marchou sobre elas de uma ponta a outra, senhorita.

— Mil desculpas. — Anne repetiu firmemente. — Mas, talvez, se o senhor mantivesse suas cercas em melhores condições, Dolly não teria conseguido entrar. É a sua parte da cerca que separa seu campo de aveia do nosso pasto, e notei no outro dia que estavam precisando de um reparo.

— Não há nada de errado com minha cerca! — vociferou o sr. Harrison, mais enfurecido do que estaria se estivesse entrando em fileiras inimigas durante uma guerra. — Uma cela de cadeia não poderia conter essa vaca endemoniada. E posso lhe dizer, sua ruivinha sem graça, que se a vaca é sua, como diz, é melhor mantê-la longe dos grãos dos outros do que ficar sentada lendo livros de capas amarelas! — acrescentou, com um olhar fulminante contra o inocente e ocre Virgílio aos pés de Anne.

Além do cabelo de Anne — que sempre fora um de seus pontos fracos —, havia algo também vermelho naquele momento.

— Prefiro ter cabelo vermelho a não ter nenhum, exceto por uma franja em volta das orelhas — retrucou. Aquele tiro provou que o sr. Harrison era muito sensível com questões relacionadas à sua careca. Sua fúria o fez engasgar outra vez, e ele conseguiu apenas encarar Anne, sem dizer nada. Ela, por sua vez, recuperou a compostura e continuou: — Posso imaginar como o senhor se sente, sr. Harrison, porque tenho imaginação. Posso facilmente imaginar como deve ser desagradável encontrar uma vaca no seu campo de aveia, e não guardarei rancor pelas coisas ruins que o senhor disse. Prometo que Dolly não invadirá seu campo de aveia outra vez. Dou minha palavra de honra.

— Pois bem. Cuide para que ela não invada — resmungou o sr. Harrison em um tom razoavelmente derrotado, mas seguiu o caminho de volta para sua fazenda pisando duro; Anne o ouviu rosnar até estar longe o bastante para não ser escutado.

Penosamente perturbada, Anne atravessou o campo e prendeu a vaca desobediente na casa de ordenha.

— Não é possível que ela possa fugir daqui a não ser que derube a cerca — refletiu. — Parece muito quieta agora. Ouso dizer que ficou doente por causa da aveia. Queria tê-la vendido ao sr. Shearer quando ele a quis na semana passada, mas pensei que podia esperar até termos um leilão de gado, deixando que fosse com as outras vacas. Acredito que sejam verdadeiros os rumores sobre o sr. Harrison ser louco. Certamente não é um espírito irmão...

Anne sempre tivera um olhar certo para identificar espíritos irmãos.

Marilla Cuthbert vinha pelo campo, e Anne, que já voltava da casa de ordenha, voou para a cozinha a fim de preparar o chá. Elas discutiram o ocorrido à mesa durante a refeição.

— Ficarei feliz quando o leilão terminar — disse Marilla. — É muita responsabilidade ter tanto gado na fazenda e ninguém, além de Martin, que mais erra do que acerta, para tomar conta. Ele ainda não voltou, e prometeu que voltaria na noite passada se eu desse a ele o dia de folga para ir ao funeral de sua tia. Não faço ideia de quantas tias ele tem. Essa é a quarta que morre desde que o contratamos no ano passado. Ficarei mais que feliz quando chegar a época da colheita e o sr. Barry tomar conta da fazenda. Vamos ter de manter Dolly presa até que Martin venha, pois, embora ela precise ser colocada de volta no pasto, as cercas devem ser consertadas antes disso. É um mundo de problemas, como diz Rachel. A pobre Mary Keith está morrendo; o que será das duas crianças dela está além da minha compreensão. Ela tem um irmão na Colúmbia Britânica, para quem escreveu uma carta contando sobre os filhos, mas não recebeu resposta.

— Como são as crianças? Quantos anos têm?

— Seis. São gêmeos.

— Oh, sempre fui interessada em gêmeos desde que a sra. Hammond teve tantos — disse Anne, animada. — Eles são bonitos?

— Meu Deus, não saberia dizer. Estavam muito sujos. Davy estava por aí fazendo tortas de lama, e Dora o chamou para entrar, mas ele a empurrou na maior das tortas e, devido ao choro dela, mergulhou na sujeira também para mostrar que não havia motivo para chorar. Mary disse que Dora é uma filha muito boa, mas que Davy é cheio de travessuras. Ele nunca teve um bom exemplo. O pai morreu quando era um bebê e Mary esteve doente quase o tempo inteiro desde então.

— Sempre fico triste por crianças que não têm um bom exemplo — disse Anne solenemente. — Sabe, nunca tive um bom exemplo até vocês me adotarem. Espero que o tio cuide deles. Qual a relação da sra. Keith com você?

— Mary? Nenhuma no mundo. O falecido marido era meu primo de terceiro grau. Aí vem a sra. Lynde pelo campo. Bem que achei que ela iria querer ouvir notícias de Mary.

— Não conte a ela sobre o sr. Harrison e a vaca — implorou Anne.

Marilla prometeu, mas a promessa era desnecessária. Assim que a sra. Lynde se sentou à mesa, disse:

— Eu vi o sr. Harrison expulsando sua vaca do campo de aveia hoje quando estava indo para Carmody. Ele parecia muito irritado. Fez muito tumulto?

Anne e Marilla trocaram sorrisos divertidos. Poucas coisas em Avonlea escapavam da sra. Lynde. Foi naquela mesma manhã que Anne dissera: “Se você for ao seu quarto à meia-noite, trancar a porta, fechar as cortinas e espirrar, a sra. Lynde perguntará no dia seguinte como está o resfriado”.

— Acredito que fez — admitiu Marilla. — Eu não estava. Ele falou poucas e boas para Anne.

— Acho que ele é um homem muito desagradável — disse Anne, com um jogar ressentido de sua cabeça vermelha.

— Você nunca disse nada mais certo — concordou piamente a sra. Lynde. — Eu sabia que haveria problemas quando Robert Bell vendeu a fazenda para um homem de Nova Brunswick. Não sei no que Avonlea vai se transformar com tantas pessoas estranhas se mudando para cá. Logo, não será seguro dormir nas nossas próprias camas.

— Por quê? Que outros estranhos estão vindo? — perguntou Marilla.

— Não escutou? Bem, há uma tal família Donnell, para começar. Eles alugaram a velha casa de Peter Sloane. Peter contratou o sr. Donnell para cuidar de seu moinho. Eles vêm do Leste, e ninguém sabe nada sobre eles. Há aquela indolente família de Timothy Cotton que vai se mudar de White Sands, e eles simplesmente serão um estorvo para o público. Ele costuma estar bêbado, isto é, quando não está roubando; e sua esposa é uma criatura preguiçosa que não consegue levantar a mão para fazer algo. Ela lava a louça sentada. A sra. George Pye adotou o sobrinho órfão de seu marido, o sr. Anthony Pye. Ele vai para a escola com você, Anne; então pode esperar encrenca. E você terá outro aluno estranho: Paul Irving está vindo dos Estados Unidos para morar com a avó. Você se lembra do pai dele, Marilla? Stephen Irving, que abandonou Lavendar Lewis em Grafton.

— Não acho que ele a tenha abandonado. Aconteceu uma briga. Suponho que houve culpa de ambos os lados.

— Bem, enfim, ele não se casou com ela; e ela se tornou tão estranha quanto pôde desde então. Dizem que vive sozinha em uma casinha de pedra que ela chama de Echo Lodge. Stephen foi para os Estados Unidos, virou parceiro de negócios do tio e se casou com uma ianque. Ele nunca voltou para Avonlea, mas sua mãe foi visitá-lo uma ou duas vezes. A esposa morreu dois anos atrás, e ele está mandando o filho para a avó criar por algum tempo. O menino tem dez anos e não sei se será um aluno muito desejável. É impossível dizer quando se trata daqueles ianques.

A sra. Lynde sempre considerava as pessoas que não nasciam na Ilha do Príncipe Eduardo ou eram criadas fora dela como desafortunadas e as encarava com um decidido olhar de “Pode algo bom vir de Nazaré?”. Eles poderiam ser pessoas boas, é claro, mas estaríamos certos

ao duvidar disso. Ela tinha um preconceito especial contra ianques. Seu marido fora enganado e perdera dez dólares para um empregador, para quem ele trabalhara uma vez em Boston. Não havia anjos, principados ou poderes que pudessem convencer a sra. Rachel de que todos os Estados Unidos não eram culpados disso.

— A escola de Avonlea não será pior por causa de um pouco de sangue novo — ironizou Marilla. — E esse menino vai ficar bem se for um pouco parecido com o pai. Stephen Irving era o menino mais gentil criado nestas partes, embora algumas pessoas dissessem que era orgulhoso. Devo pensar que a sra. Irving ficará satisfeita de ter a criança. Ela está muito sozinha desde que o marido morreu.

— Ah, o menino será bom o bastante, mas diferente das crianças de Avonlea — disse a sra. Rachel, como se fosse especialista no assunto. As opiniões da sra. Rachel sobre qualquer pessoa, lugar ou coisa sempre passavam essa impressão. — O que é isso que escuto sobre você começar uma Sociedade de Melhoramento, Anne?

— Eu estava apenas falando com algumas meninas e meninos na nossa última reunião do Clube de Debate — disse Anne, corando. — Eles acham que seria uma boa ideia, assim como o sr. e a sra. Allan. Muitos distritos têm sociedades assim.

— Bem, você vai se colocar em águas muito quentes se o fizer. É melhor esquecer isso, Anne. As pessoas não gostam de ser melhoradas.

— Oh, nós não estamos tentando melhorar as pessoas, mas a própria Avonlea. Podemos fazer muitas coisas para deixá-la mais bonita. Por exemplo, nós podemos coagir o sr. Levi Boulter a derrubar aquela casa velha e feia no norte da fazenda. Não acha que seria uma melhoria?

— De fato, seria — admitiu a sra. Rachel. — Aquela velha ruína tem sido uma coisa desagradável de se ver na fazenda há anos. Mas se vocês, melhoradores, conseguirem coagir o sr. Levi Boulter a fazer qualquer coisa para o público sem que ele seja pago, espero estar lá para ver e ouvir, sem dúvida. Não quero desencorajá-la, Anne, pois acho que há algo bom na sua ideia, apesar de pensar que tenha tirado de alguma horrível revista ianque, mas você estará com as mãos cheias com sua escola. E lhe dou meu conselho como amiga: não se preocupe

com melhorias. Mas, ainda assim, sei que você irá fazer, porque está determinada. Você sempre foi daquelas pessoas capazes de fazer as coisas até o final de alguma maneira.

Algo nas linhas firmes dos lábios de Anne disse que a sra. Rachel não estava errada nessa estimativa. O coração de Anne pendia para a formação da Sociedade de Melhoramento. Gilbert Blythe, que daria aulas em White Sands, mas que viria para casa às sextas-feiras à noite e ficaria até as segundas-feiras de manhã, estava entusiasmado com o assunto. Além disso, a maioria dos outros jovens estava disposta a qualquer coisa que significasse encontros ocasionais e, conseqüentemente, um pouco de diversão. Já quanto ao que seriam as futuras melhorias, ninguém tinha uma ideia clara, exceto Anne e Gilbert. Eles já tinham conversado sobre elas e planejado todas até que uma Avonlea ideal existisse em suas mentes.

A sra. Rachel, porém, tinha outra notícia.

— Eles deram a escola de Carmody para uma tal de Priscilla Grant. Você não estudou na Queen's com uma menina chamada assim, Anne?

— Sim, estudei. Priscilla ensinará em Carmody! Que perfeitamente amável! — exclamou Anne, com seus olhos cinzentos acendendo como estrelas no entardecer, provocando novamente na sra. Lynde a dúvida de se, talvez, algum dia, conseguiria chegar a uma conclusão satisfatória sobre Anne Shirley ser de fato uma menina bonita ou não.